

O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO SOB A PERSPECTIVA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: capacidades de linguagem em foco

THE OPINION ARTICLE GENRE UNDER THE PERSPECTIVE OF DIDACTIC SEQUENCE: language capacities in focus

Rithielle Aparecida Castellani
Eliana Merlin Deganutti de Barros

Resumo: Este trabalho é fruto de pesquisas realizadas no projeto de pesquisa “Gêneros da mídia jornalística como objeto de transposição didática externa”, o qual está inserido no grupo de pesquisa DIALE (CNPq/UENP). Em sua base teórica, o projeto pauta-se nos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), em especial aos voltados para a transposição didática de gêneros textuais. O projeto tem como objeto de análise as ações desenvolvidas no subprojeto de ensino PIBID 2015, intitulado “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual”, do eixo pautado nos Gêneros Textuais, o qual visa promover o letramento em duas escolas estaduais parceiras do programa, tendo como ferramenta mediadora a metodologia das Sequências Didáticas de Gêneros (SDG) criada pelo ISD. O presente artigo apresenta uma análise do desenvolvimento das capacidades de linguagem de um aluno de um 9º ano (participante do PIBID 2015), a partir de intervenções didáticas nas quais foi desenvolvida uma SD do gênero “artigo de opinião”. O objetivo é validar a metodologia das SDG e refletir sobre seu impacto na aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Artigo de opinião. Capacidades de linguagem. Sequência didática

Abstract: This paper is the result of researches done in the project “Genres of the journalistic media with the external didactic transposition objective”, which is inserted in the research group DIALE (CNPq/UENP). The project is theoretically based on the Socio-discursive Interactionism studies (SDI), especially the ones focusing on the didactic transposition of text genres. The object of analysis are the actions taken at PIBID 2015 (teaching program), entitled: “Literacy in school: reading and textual production practices”, under a genre-based approach, which aims to promote the literacy in two state schools affiliated with such program, having the methodology of genres didactic sequence (GDS) as a mediating instrument, created by the SDI. The present paper presents an analysis of the development of languages capacities of a ninth grader (participant of PIBID 2015), from didactic interventions, in which a DS of an “opinion article” was designed. So, we seek to validate the GDS methodology and to reflect about its impact on the students' learning process.

Keywords: Opinion Article. Languages capacities. Didactic sequence

Introdução

Como é posto pelos principais documentos nacionais da educação (cf. BRASIL, 1998), o ensino de língua portuguesa deve propiciar aos estudantes o domínio e o aperfeiçoamento de práticas de linguagens mobilizadas pela sociedade em geral, e tomadas como importantes para a vida social de um adulto, essas sempre configuradas em gêneros textuais – seja no âmbito da leitura, produção ou reflexão linguística. Nesse sentido, o trabalho com os gêneros textuais deve sempre buscar desenvolver e aprimorar as capacidades de linguagem (cf. DOLZ; SCHNEUWLY, 2004) necessárias para o domínio desses objetos sociais, os quais, no âmbito educacional, se transformam em objetos de ensino.

A partir dessa perspectiva, faz-se necessário pensar em metodologias de ensino da língua que deem subsídios para que os gêneros possam se transformar em objetos e instrumentos de ensino-aprendizagem. Foi pensando nessa necessidade que linguistas da universidade de Genebra, na Suíça, filiados ao Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) desenvolveram a metodologia das sequências didáticas de gêneros (SDG) (cf. DOLZ et al. 2004), cujo objetivo é o desenvolvimento das capacidades de linguagem em relação a um determinado gênero textual, tendo como eixo norteador o trabalho com a produção textual – oral ou escrita.

É a partir dessa perspectiva teórico-metodológica que são desenvolvidas as ações do subprojeto PIDID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) “Letramentos na escola: prática de leitura e produção textual” (eixo: Gêneros Textuais), desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procopio, no curso de Letras, e coordenado pela Prof. Dra. Eliana Merlin Deganutti de Barros. Tal subprojeto tem como objetivo a produção de um jornal escolar, de forma colaborativa entre turmas do Ensino Fundamental II de duas escolas parceiras. Para tanto, os pibidianos são divididos em grupos para que possam desenvolver SDG, previamente selecionados para compor o jornal escolar, para que, ao final, possa ser publicado o jornal PIBID.

Assim, no presente trabalho iremos analisar o desenvolvimento de uma SD do gênero artigo de opinião (desenvolvida por nós, enquanto participantes do projeto) em uma turma de 9º ano de uma escola pública da cidade de Cornélio Procopio (papel assumido: professora em formação inicial). Nosso objetivo é analisar como se deu o aprimoramento das capacidades de linguagens de uma aluna assistida pelo subprojeto em relação à produção do artigo de opinião.

Os resultados apresentados no decorrer do artigo apontam para a eficácia da metodologia da SD para o ensino-aprendizagem dos gêneros textuais bem como para o desenvolvimento/aprimoramento das capacidades de linguagem envolvidas na produção/domínio de um gênero.

Para tanto, o artigo se organiza da seguinte maneira: “Metodologia da sequência didática”, “As capacidades de linguagem”, “Sequência didática: metodologia para o ensino de gêneros”, nesses três primeiros tópicos apresentamos o aporte-teórico metodológico que direcionou nossa pesquisa. Em sequência, no tópico “A SDG artigo de opinião: foco no desenvolvimento das capacidades de linguagem”, apresentamos a sinopse da nossa SD, bem como uma análise das capacidades de linguagem que foram desenvolvidas em cada oficina. Por fim, o tópico “O contexto de produção e as capacidades de linguagens mobilizadas na

produção do artigo de opinião” focou na apresentação do nosso contexto de intervenção e na análise das produções do artigo de opinião, verificando o desenvolvimento das capacidades de linguagem.

2 Metodologia da sequência didática de gêneros do ISD

Sabemos que o ensino da língua portuguesa, assim como prescrevem os documentos nacionais da educação, deve formar sujeitos/alunos ativos, que sejam capazes de interagir em qualquer situação comunicativa. Para isso, esses sujeitos devem se apropriar dos diferentes gêneros de textos (orais e/ou escritos) veiculados nas mais diversas práticas sociais, os quais organizam nossa comunicação.

Sendo assim, para que os gêneros possam ser levados para o contexto escolar e apropriados pelo aluno, eles precisam ser transpostos da sua esfera comum de circulação para a esfera de ensino específica, ou seja, precisam passar pelo processo de transposição didática (CHEVALLARD, 1991). E, para que isso aconteça, o gênero precisa ser didatizado, tornar-se um objeto de ensino. Para auxiliar esse processo, o ISD, em sua vertente didática, criou duas ferramentas: o modelo didático e a sequência didática de gêneros (SDG).

O modelo didático “é a descrição provisória das principais características de um gênero textual com o objetivo de ensiná-las” (DOLZ et al., 2010, p. 48). Ele permite ao professor compreender o funcionamento do gênero alvo da SDG e identificar quais de seus componentes ensináveis estão de acordo com o contexto de ensino em questão. Para a produção do modelo didático adotamos, também, uma ferramenta preliminar: o modelo teórico (BARROS, 2012), o qual “pode ser visto, a priori, apenas teoricamente, isto é, sua construção não necessitaria levar em conta as capacidades dos alunos nem as particularidades do contexto de ensino” (BARROS, 2012, p. 15). Assim sendo, o gênero pode ser tomado, a priori, a partir de uma descrição teórica e social, para que, posteriormente, possa ser modelizado didaticamente, ou seja, possam ser selecionadas as dimensões ensináveis que melhor supram as necessidades de um determinado contexto de intervenção. Dessa forma, tanto o modelo teórico quanto o didático subsidiam a produção do instrumento maior, a sequência didática.

Dolz et al. (2004, p. 82) estabelecem a SDG como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Essa ferramenta funciona como mediadora no ensino – tendo como objetivo a aprendizagem e domínio de uma prática de linguagem configurada em um gênero textual. Dessa forma, a

SDG permite que os alunos se apropriem de gêneros que eles não dominam e aprimorem o seu conhecimento sobre aqueles que eles já conhecem e dos quais fazem uso.

A SDG é composta, em sua estrutura de base, pela apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. Na fase da Apresentação da situação, na qual ocorre a descrição do trabalho que será realizado em torno de um gênero textual, oral ou escrito é o momento, segundo Dolz et al. (2004), de o professor trazer para a turma um problema de comunicação, o qual será concretizado no momento da produção final. Nesse momento o professor deve também apresentar o projeto ensino e, por fim, sensibilizar o aluno aos textos do gênero, para que ele tome conhecimento desse objeto da interação social.

A primeira produção é o momento de os alunos produzirem o texto (oral ou escrito) do gênero a ser trabalhado. A partir dessa produção o professor tem um diagnóstico inicial da turma, podendo conhecer as capacidades que eles já possuem e as dificuldades presentes em torno do gênero. Assim, ele consegue direcionar a sequência das atividades, levando em consideração os resultados apresentados na primeira produção. Ainda de acordo com os autores é a partir da produção inicial que os alunos concretizam suas representações em relação ao gênero realizadas na apresentação inicial. E, para o professor, é a partir da produção inicial que o “objeto da sequência didática delinea-se melhor nas suas dimensões comunicativas e também se manifesta como lugar de aprendizagem necessária das dimensões problemáticas” (DOLZ et al., 2004, p. 86).

Os módulos objetivam “trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção e dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los” (DOLZ et al. 2004, p. 87). Neles, o professor desenvolve diferentes atividades voltadas para o aprimoramento das capacidades de linguagem que precisam ser desenvolvidas ou aprimoradas nos alunos. Os módulos também são passíveis de mudanças durante o processo de desenvolvimento da SDG, pois, uma vez que há mudanças no contexto e/ou são apresentadas novas dificuldades pelos alunos, o professor precisa readequar seus módulos, a fim de que essas necessidades sejam atendidas.

A última etapa, produção final, é o momento de o aluno pôr em prática tudo que foi trabalhado durante os módulos, e, assim, avaliar, juntamente com o professor, quais foram os progressos no seu texto. Ou seja, é o momento da avaliação final, de analisar os resultados da SDG, tanto por parte do professor como pelo aluno. Assim, a SDG parte do “complexo”, que é a primeira produção do gênero, para o simples, que são os módulos que irão abordar

capacidades referentes à aprendizagem do gênero e volta novamente ao complexo, momento em que o aluno concretiza as aprendizagens em torno do gênero.

3 -As capacidades de linguagem

Sendo o gênero de texto um megainstrumento da comunicação (cf. DOLZ et al. 2010), torna-se necessária sua apropriação pelo sujeito, para que ele possa agir nas diferentes práticas sociais perpassadas pela linguagem. Assim sendo, para que esse sujeito consiga mobilizar adequadamente os gêneros de texto, de forma condizente com a situação de comunicação na qual está inserido, é necessário que ele desenvolva capacidades de linguagem necessárias para a leitura e/ou produção desse instrumento para que, assim, a interação se realize eficazmente. Essas capacidades de linguagem evocam “as aptidões requeridas do aprendiz para a produção de um gênero numa situação de interação determinada” (DOLZ et al., p. 44, 2004).

Essas capacidades são subdivididas, didaticamente, em três níveis: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas. Assim, de forma sintetizada, temos:

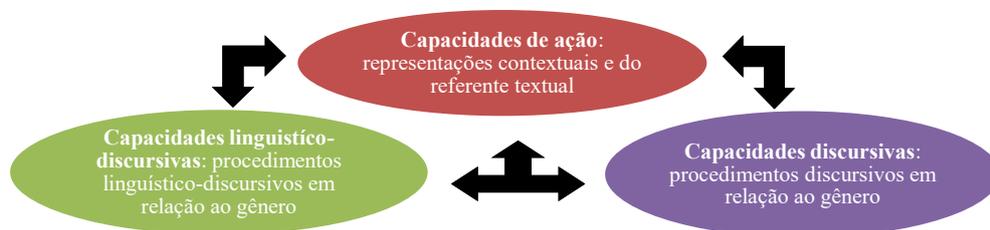


Figura 1 – Capacidades de linguagem
Fonte: as autoras

As capacidades de ação referem-se à representação da situação comunicativa, “aos parâmetros do ambiente físico, social e subjetivo, assim como ao referente textual” (BARROS, p. 113, 2015), ou seja, é por meio dessa capacidade que o sujeito aprimora o contexto de produção do gênero. As capacidades discursivas dizem respeito aos recursos discursivos que são mobilizados pelo sujeito para a produção do texto/gênero, como o plano textual do texto, o discurso utilizado e a sequência textual apresentada, etc. Por fim, as capacidades linguístico-discursivas tratam das operações linguístico-discursivas que são empregadas na produção do texto/gênero as quais são representadas pelos “mecanismos de

textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal); e mecanismos enunciativos (gerenciamento de vozes e modalizações)” (BARROS, p. 113, 2015).

Considerando a Figura 1, deve-se sempre pensar no desenvolvimento das capacidades de linguagem como um conjunto: uma capacidade agindo pela/na outra, e configurando, assim, o desenvolvimento de uma prática de linguagem. Contudo, vale ressaltar, assim como visto na imagem, que a capacidade de ação desempenha um papel muito importante, pois tudo irá depender da forma como o sujeito representa o contexto em que deve produzir. Dessa forma, essa mobilização ocorre de forma sincrônica, a qual está sempre imbricada na produção de um texto/gênero, a partir de uma prática comunicativa.

4 A sequência didática: metodologia para o ensino de gêneros

Os dados desta pesquisa foram gerados a partir de intervenções didáticas do subprojeto PIBID, nas quais foi desenvolvida uma SD do gênero “artigo de opinião”. Para a planificação didática foi tomada como base a estrutura da SDG proposta pelo ISD. Contudo, consideramos pertinente, em nosso trabalho, adicionar outra etapa a esse processo, a de revisão e reescrita textual, em dois momentos da SDG. Dessa forma, a produção da nossa SDG pautou-se no seguinte esquema:

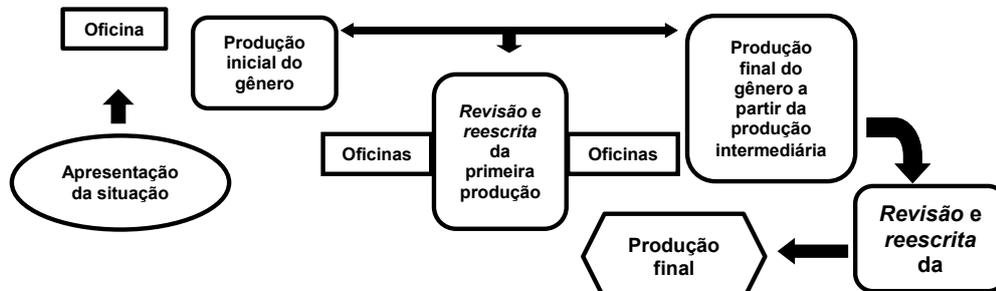


Figura 2 – Esquema da SD do artigo de opinião
Fonte: as autoras

Assim como no modelo proposto pelo ISD, na nossa SDG desenvolvemos a etapa de apresentação da situação, apresentamos um projeto de comunicação para a turma: a produção de um jornal escolar, o Jornal PIBID, no qual seriam veiculados gêneros de autoria dos próprios alunos participantes do projeto PIBID. No caso analisado, o gênero a ser produzido pela turma seria o artigo de opinião.

Anterior à etapa da primeira produção, acrescentamos uma oficina com atividades voltadas para a escolha da questão polêmica. Também foi desenvolvida uma atividade de leitura e análise oral de um dos artigos de opinião publicados no Jornal PIBID 2014. Essa atividade teve o intuito de mostrar aos alunos um exemplar do gênero que eles deveriam tomar como base para a produção do artigo de opinião.

A etapa da produção inicial foi o momento de definirmos o contexto de produção que os alunos desenvolveriam o texto que iriam produzir. O artigo seria publicado em um jornal escolar (impresso), veiculado nas escolas do município e na academia (UENP e outras), os alunos deveriam posicionar-se como articulistas críticos em seus textos, a fim de convencer o seu interlocutor, o leitor, etc.

Nessa SDG, foram produzidas três oficinas anteriores à produção intermediária (primeira reescrita) do texto. Essas oficinas tiveram como base norteadora a primeira produção dos alunos, pois a partir dela desenvolvemos atividades que buscassem aprimorar as capacidades já apresentadas pelos estudantes, como também desenvolver aquelas, até então, ausentes.

Após o desenvolvimento dessas três oficinas, tivemos a primeira reescrita do texto. Nesse momento os alunos revisaram seus textos, orientados por um roteiro de análise com questões relacionadas às capacidades de linguagem do gênero, e a partir disso reescreveram o artigo de opinião. Posterior à primeira reescrita, tivemos mais três oficinas que antecederam a produção final do gênero. Aqui as atividades desenvolvidas objetivavam trabalhar capacidades do gênero que os alunos ainda não dominavam, bem como alguns objetos desse instrumento que ainda não haviam sido abordados na SDG.

A penúltima etapa da SDG destinou-se à produção final, a partir de um processo de reescrita textual. Nessa oficina os alunos produziram a última versão do texto, orientados por sua primeira reescrita. Na última etapa da SDG, os alunos revisaram a última versão final do artigo de opinião, orientados por uma ficha de controle, composta por questões relacionadas às capacidades de linguagem do gênero e aos objetos estudados na SDG.

Os processos de revisão e reescrita apresentados na SDG não aparecem explicitamente em sua metodologia do ISD, contudo, ele está subentendido, pois quando os autores trabalham com as duas versões, a primeira produção e a produção final tomam o texto como um objeto em construção, logo, os processos de revisão e reescrita ocorrem paralelamente. O que se difere nessa SDG é que priorizamos as oficinas que focassem nesse processo de reconcepção pelo qual o texto passa (MACHADO e LOUSADA, 2010).

Assim, optamos por deixar as etapas de revisão e reescrita em evidência porque tomamos a escrita como trabalho, pois ela é “considerada como um *processo contínuo* de ensino aprendizagem, em que há reais necessidades para o aluno escrever” (MENEGASSI, p. 107, 2013 – grifo nosso), ou seja, escrever nunca é um processo final, logo o texto nunca será um produto pronto e acabado, pois sempre há o que mudar, acrescentar, retirar, etc. Sendo assim, a revisão e a reescrita são recursos que auxiliam o processo da escrita.

É a revisão do texto e sua reescrita que permite ao aluno superar seus erros, entendidos como “parte do processo normal de apropriação das convenções da escrita” (DOLZ, 2009, p. 2 – tradução nossa). Sendo assim, a primeira etapa de reescrita permitiu que o aluno sanasse suas principais dúvidas em relação ao gênero, bem como mostrou o que ainda precisava ser melhorado, o que estava inadequado, o que precisava ser acrescentado no texto. Além disso, permitiu, em alguns casos, que o aluno recomeçasse sua produção do “zero”. A segunda etapa de reescrita (a produção final) permitiu ao aluno concretizar o que foi aprendido no decorrer do processo, bem como melhorar os erros apresentados na primeira reescrita. A produção final é o momento de o aluno concretizar seu projeto de comunicação. Por fim, a última reescrita, mais pontual, é o momento de o aluno realizar os últimos ajustes no texto, e refletir sobre sua produção.

4.1 A SDG artigo de opinião: foco no desenvolvimento das capacidades de linguagem

A partir do esquema anterior, foi desenvolvida, no momento de planejamento do material didático, uma sinopse da SD do gênero “artigo de opinião”, que deu embasamento para a planificação futura das atividades e dispositivos didáticos. Para subsidiar a nossa análise trazemos, a seguir, a versão final da sinopse (após as readequações no processo de transposição didática interna) com o título das oficinas, as atividades que foram desenvolvidas, assim como as capacidades de linguagem mobilizadas.

Tabela 1. Sinopse da SDG “artigo de opinião”

ATIVIDADES	CAPACIDADES EM FOCO
1ª Oficina - A materialização da opinião a partir de textos. 1. Apresentação de um vídeo sobre os limites do padrão de beleza. 2. Dinâmica em turma: pedir para que os alunos identifiquem qual ou quais a(s) questão(ões) polêmica(s) presente(s) no vídeo (utilização do quadro negro para anotação); deixar os alunos se posicionarem em relação à questão; comparar opiniões; ressaltar argumentos fortes e convincentes que os alunos colocaram, etc. 3. Introdução e apresentação do gênero “artigo de opinião” a partir da seguinte questão: quando queremos e precisamos expor nosso ponto de vista, além de falar oralmente	De ação e discursiva

<p>com os amigos, professores, pais, o que mais podemos fazer? Como os diferentes pontos de vista são divulgados na mídia?</p> <p>4. Identificação do artigo de opinião no jornal <i>Folha de Londrina</i>.</p> <p>5. Apresentação do projeto PIBID e do JORNAL PIBID e da produção do artigo de opinião.</p> <p>6. Leitura e análise oral de um artigo e uma charge que partem de uma mesma polêmica.</p> <p>7. Questionário oral, com foco nas principais características desses dois gêneros: defesa de uma tese, argumentação sólida, plano textual global.</p> <p>8. Análise (a partir do questionário aplicado anteriormente) desses gêneros em slides levados pelos professores pibidianos.</p>	
<p>2ª Oficina - O contexto de produção do artigo de opinião</p> <p>1. Escolha da questão polêmica do artigo de opinião: votação.</p> <p>2. Discussão sobre a importância da escolha da questão polêmica partir dos alunos – motivação.</p> <p>3. Leitura de um artigo de opinião publicado no Jornal PIBID no ano de 2014. Foco no contexto de produção: emissor, receptor, esfera de circulação, suporte, etc.</p> <p>4. Análise do artigo com base em um roteiro de leitura: questão polêmica, tese, argumentos, contra-argumentos, plano textual global do texto, organizadores de tomada de posição.</p>	De ação e discursiva
<p>3ª Oficina - Produção inicial: primeira concepção do gênero</p> <p>5. Revisão de todas as oficinas e atividades realizadas – <i>memória didática</i>.</p> <p>6. Contextualização da produção.</p> <p>7. Primeira produção a partir das seguintes questões polêmicas: as redes sociais são perigosas? Há limites na busca da perfeição estética?</p>	De ação, discursiva e linguístico-discursiva
<p>4ª Oficina - Artigo de opinião: discursividade</p> <p>1. Revisão coletiva (em slides) de um artigo de opinião produzido por um dos alunos da turma, com problemas no plano textual geral do texto.</p> <p>2. Questionário escrito sobre os artigos dos alunos: foco nas questões discursivas (argumentos utilizados, desenvolvimento do plano textual global, defesa da tese, coerência com a questão polêmica).</p> <p>3. Análise do artigo, com foco na estrutura, paragrafação, organização de ideias, etc. (slides).</p> <p>4. Atividade dinâmica do quebra-cabeça: organizar uma redação nota 1000 do ENEM (2011): foco no plano textual do texto.</p> <p>5. Leitura e análise da redação estruturada/organizada anteriormente.</p>	De ação e discursiva
<p>5ª Oficina - O papel dos organizadores textuais no artigo de opinião</p> <p>1. Quebra-cabeça de organizadores textuais disponível no material do artigo de opinião, das Olimpíadas de Língua Portuguesa,</p> <p>2. Análise dos organizadores textuais presentes no quebra cabeça e o sentido que ele apresentam um texto.</p> <p>3. Lista de organizadores para leitura e reflexão em relação ao seu funcionamento.</p> <p>4. Produção de enunciados utilizando organizadores textuais.</p>	De ação, discursiva e linguístico-discursiva
<p>6ª Oficina - Artigo de opinião: características linguísticas</p> <p>5. Leitura da primeira produção do artigo de opinião de um dos alunos da turma.</p> <p>6. Análise desse artigo com base em uma ficha de controle: foco nos problemas linguísticos (concordância, pontuação, acentuação, ortografia, coesão e coerência)</p> <p>7. Análise do artigo anterior realizada pelos professores-pibidianos (slides): comparação com as correções dos alunos.</p> <p>8. Atividade escrita de revisão e reescrita de trechos de artigos de opinião produzidos pelos alunos.</p>	De ação, discursiva e linguístico-discursiva
<p>7ª Oficina - A primeira reescrita do gênero</p>	De ação, discursiva e linguístico-

1ª Primeira reescrita do artigo de opinião.	discursiva
8ª Oficina - Argumentação: sustentando seu ponto de vista	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura e discussão de artigos de opinião referentes às duas polêmicas selecionadas para a produção (grupos), mediadas por um roteiro. 2. Produção coletiva (grupos) de argumentos (contrários e a favor) sobre as questões polêmicas. 3. Leitura oral dos argumentos produzidos para o restante do grupo e discussão da atividade. 	De ação e discursiva
9ª Oficina - Artigo de opinião X ensaio argumentativo	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura de dois textos de gêneros diferentes: artigo de opinião (defesa de uma tese) e um artigo dissertativo. 2. Discussão oral sobre os dois textos: diferenças, semelhanças, etc. 3. Análise desses textos a partir de um roteiro. Foco nas três capacidades apresentadas no texto: comparação. 4. Pesquisa extraclasse: os alunos deveriam trazer textos diversos sobre a questão polêmica que iriam abordar na produção do artigo de opinião. 	De ação e discursiva
10ª Oficina - Debate regrado	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Debate regrado sobre as polêmicas que seriam alvo das produções dos alunos. 	De ação e discursiva
11ª Oficina - Produção final do artigo	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Contextualização da produção final. 2. Produção final do artigo de opinião: revisão e reescrita. 	De ação, discursiva e linguístico-discursiva
12ª Oficina - Análise e reescrita final do gênero	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura e correção dos artigos com base em um roteiro de correção e reescrita. 2. Reescrita final do artigo de opinião. 	De ação, discursiva e linguístico-discursiva

Na primeira oficina a capacidade de ação é o grande foco, pois, assim como proposto pela metodologia das SDG, os alunos são apresentados ao contexto de produção e ao projeto de comunicação em que estão inseridos no início do processo. Logo, algumas das atividades desenvolvidas buscam alcançar esse objetivo para que “os estudantes se tornem conscientes dos desafios que terão que enfrentar ao produzir um texto, colocando a escrita no lugar que a ela corresponde” (DOLZ, 2009, p. 2 – tradução nossa). Dar ênfase à capacidade de ação na primeira oficina é de suma importância, pois o aluno deve tomar conhecimento do contexto e do projeto de comunicação desde o início, para que, assim como pontuam Dolz et al. (2004, p. 84), “[...] eles compreendam o melhor possível a situação de comunicação na qual devem agir” e possam se colocar como agentes do seu texto. A capacidade discursiva, também abordada nessa oficina, complementa a capacidade de ação por meio de atividades de análise oral do plano textual global do artigo de opinião (atividades 7 e 8), para que o aluno visualize melhor a planificação geral do gênero – sem essa visão global é difícil ele entender, posteriormente, os vários processos enunciativos e de textualização inerentes a essa prática de linguagem.

Na segunda oficina o foco recai sobre as capacidades discursiva e de ação, pois é o momento de os alunos definirem a(s) questão(es) polêmica(s) do artigo de opinião e também conhecerem o contexto em que ele será produzido. Ela(s) foram escolhida(s) pela turma e selecionada(s) por meio de uma votação. Deixar os próprios alunos escolherem sobre o que querem escrever permite que se tornem mais autônomos (cf. “pedagogia da autonomia” de Paulo Freire, 2000) e, assim, produzam um texto com mais motivação, privilegiando o conhecimento de mundo que eles possuem. É também nessa segunda oficina que o contexto de didático de produção foi definido. Para que esse contexto não ficasse tão abstrato aos alunos, foi apresentado e discutido um dos artigos de opinião publicado na primeira edição do JORNAL PIBID (2014), produzido por uma aluna do 7º ano de uma das escolas participantes. Com a leitura, os alunos conseguiram visualizar melhor o projeto de comunicação no qual estavam inseridos e também se familiarizar com o gênero. Apresentar o artigo produzido por uma aluna participante do PIBID também permitiu que eles se motivassem e tivessem consciência de que eram capazes de produzir esse gênero.

Na terceira oficina, referente à primeira produção do gênero, todas as capacidades de linguagem são acionadas, pois os alunos precisam mobilizar em seus textos aquelas capacidades que eles já dominam (com eficiência ou não) e também aquelas que foram desenvolvidas por meio das primeiras oficinas, com leituras, discussões, análises, etc. Nessa primeira produção, os professores têm contato com as capacidades reais em relação à produção de um determinado gênero, podendo, conseqüentemente, projetar os próximos passos da SDG.

Na quarta oficina, primeira oficina depois da primeira produção, as atividades desenvolvidas objetivam aperfeiçoar e desenvolver as capacidades de ação e discursiva. Dentre os níveis (cf. Dolz et al. 2004, p. 88) que os autores colocam para serem trabalhados nas oficinas/módulos, são abordados dois: nível de representação da situação de comunicação, momento de reflexão sobre a produção do gênero, verificando se o artigo de opinião produzido por um dos alunos da turma é condizente com seu destinatário, suporte, esfera de circulação, etc.; nível de planejamento do texto, momento de análise do plano geral do artigo de opinião. Para esse nível foi realizada atividade (atividade 4) do quebra-cabeça, na qual os alunos deviam organizar um texto, tendo como pistas enunciados deixados antes de cada parágrafo. Para essa atividade utilizamos uma redação nota 1000 do ENEM, intitulada “Redes sociais: o uso exige cautela”. Optamos por escolher a redação do ENEM, pois o texto se aproxima estruturalmente de um artigo de opinião. Defendemos isso, pois, apesar de o Exame

[WASC2] Comentário: a(s)

[WASC3] Comentário: Ela (s)

[WASC4] Comentário: idem

[WASC5] Comentário: idem

[WASC6] Comentário: contexto didático de produção

trazer uma proposta de redação, tomamos “redação” como o ato de redigir algo. Nesse caso, o ENEM cobra uma redação da tipologia dissertativo-argumentativo, um texto que objetiva convencer o leitor sobre determinado ponto de vista. Sendo assim, o texto do ENEM, por ter caráter argumentativo, pode ser um modelo de artigo de opinião (pelo menos em relação à estrutura). Essa atividade, lúdica e reflexiva, permitiu que o aluno visualizasse uma boa organização de um texto argumentativo, bem como refletisse sobre a estruturação e composição de cada parágrafo, tomando como base o texto “modelo”.

Na quinta oficina são trabalhadas atividades que focam no desenvolvimento das capacidades discursivas e linguístico-discursivas relacionadas ao uso dos organizadores textuais. Assim sendo, temos “tarefas que isolam um problema de escrita e propõem exercícios de sistematização de consolidação ou de automatização de um aspecto pontual do texto” (DOLZ et al., 2010, p. 63), nesse caso, os organizadores textuais. Essa oficina permite que os alunos entrem em contato com elementos linguísticos (conjunções, por exemplo), por um viés funcional e discursivo.

Na sexta oficina, as atividades desenvolvidas voltam-se para as capacidades discursivas e linguístico-discursivas. Por anteceder a primeira reescrita do artigo de opinião, essa oficina focou em atividades relacionadas à estrutura composicional do gênero e aspectos transversais da escrita. No primeiro momento foi realizada uma atividade de análise do gênero, focando no seu plano textual global; em seguida, o foco recaiu sobre alguns problemas transversais da escrita como: formação de frases, ortografia, pontuação, acentuação; para contemplar a coesão e coerência do texto. O trabalho com conteúdos gramaticais a partir do texto, e não de frases soltas, despertou os alunos para uma nova forma de ver o ensino e aprender gramática, a partir da sua funcionalidade na trama geral do texto. Contudo, em decorrência do tempo, não foi possível trabalhar cada conteúdo de forma sistematizada, o que seria ideal para sanar todas as dificuldades da turma.

Na sétima oficina os alunos realizaram a reescrita da primeira produção, denominada produção intermediária. Como visto anteriormente, a metodologia das SDG não traz um módulo específico para a revisão e/ou reescrita, contudo ao propor duas fases para a produção do texto, ou seja, adotar a escrita como um processo, revisão e a reescrita já estão subentendidas. No caso da SDG do artigo de opinião e, levando em consideração as necessidades do contexto de ensino da turma, entendemos que a produção de um módulo/oficina específico para a reescrita antes da produção final, seria necessária para que se analisasse como os alunos estavam desenvolvendo suas capacidades em relação ao gênero.

Nessa oficina, foram feitas as revisões no texto a partir das correções do professor e também de uma ficha de controle. Essa produção intermediária mostrou-se muito eficaz, pois ela apresenta um “panorama” de como as capacidades estão sendo desenvolvidas e como as oficinas e suas atividades estão refletindo na aprendizagem. Logo, essa primeira reescrita serve, mais uma vez, como diagnóstico, o qual permite ao professor continuar seu trabalho e avaliar os resultados.

A oitava oficina foca a capacidade discursiva, abordada a partir de atividades que trabalham a argumentação. As tarefas dessa oficina foram realizadas em grupo e por meio de atividades que articulavam tanto a leitura quanto a oralidade, pois, como salienta Dolz “as atividades orais (discussão com os pares, perguntas ao professor, etc.) também tendem a desenvolver a escrita” (2009, p. 3 – tradução nossa). Essa oficina é de extrema importância, pois o artigo de opinião é desenvolvido, principalmente, a partir dos argumentos e contra-argumentos. Logo, trabalhar com as discussões orais permite que o aluno se posicione, mostre sua voz, elabore argumentos, processo esse que facilita a textualidade da argumentação no texto escrito.

A nona oficina se mostra muito importante no desenvolvimento da SDG, pois traz uma atividade de comparação, o que permite visualizar o que é e o que não é um artigo de opinião. Assim, as capacidades de ação e discursiva receberam atenção maior, pois é o momento de focar em questões mais contextuais e estruturais do gênero. Isso é feito a partir de uma análise oral comparativa entre um ensaio dissertativo e um artigo de opinião de defesa de tese. Essa análise, a partir da comparação, busca confrontar dois gêneros, semelhantes, mas que trazem uma diferença crucial: o ensaio dissertativo não parte de uma questão polêmica (que gera, pelo menos, dois pontos de vista diferentes), mas de uma questão problemática que merece explicação, aprofundamento, análise; portanto, não traz uma defesa de tese (argumentação), como acontece com o artigo de opinião. Ou seja, embora os dois gêneros tenham um caráter opinativo, diferem quanto ao objetivo e construção composicional.

Na décima oficina foi realizado um debate regrado. Esse tipo de debate permite que os alunos se expressem, discutam entre si, ouçam diferentes opiniões e construam novos argumentos para o seu texto. Essa atividade mais lúdica também ajuda a quebrar o bloqueio em relação à escrita do gênero “artigo de opinião” uma vez que eles, normalmente, revelam mais dificuldade (e mais resistência) na escrita do que na oralidade.

Na décima primeira oficina os alunos realizaram a última produção do artigo. Esse foi o momento de os alunos revisarem tudo o que foi trabalhado e finalizarem a

produção do texto, mobilizando ou não as capacidades que ainda se mostravam ausentes ou deficientes. E na última oficina, os alunos tiveram a oportunidade de, mais uma vez, revisar seu trabalho e reescrevê-lo, orientados por uma ficha de controle. A ficha de controle ou roteiro é uma ferramenta muito útil que guia o aluno no momento de revisar seu texto. Nela estão contidos questionamentos (referentes às capacidades linguísticas trabalhadas na SDG) em relação ao gênero estudado. Assim, a partir dessa ficha podemos **ver o que o texto apresenta**, o que falta e o que precisa ser melhorado. Defendemos que esse é um material imprescindível para a reescrita e que foi essencial, pois “um dos processos fundamentais do ensino da escrita consiste em reler e revisar o texto de maneira crítica, e reescrevê-lo. [...]” (DOLZ, 2009, p. 7 – tradução nossa)

[WASC8] Comentário: ver o que o ...

Dessa forma, a partir das oficinas dessa SDG, buscou-se desenvolver nos alunos as capacidades de linguagem referentes ao artigo de opinião. Para verificar a representatividade do desenvolvimento dessas capacidades, o próximo tópico foca na análise de um artigo de opinião produzido a partir dessa SDG.

4 O contexto de produção e as capacidades de linguagens mobilizadas na produção do artigo de opinião

Os artigos de opinião, originados a partir da SDG, e que veremos a seguir, tiveram como contexto físico de produção os seguintes parâmetros:

Tabela 2. Contexto físico e sociosubjetivo da produção do artigo de opinião

1. <i>Lugar de produção</i> : Sala de aula	1. <i>O lugar social</i> : Escola
2. <i>Momento de produção</i> : 5 meses (Julho a Novembro)	2. <i>O papel social do emissor</i> : aluno-articulista/jornalista
3. <i>Emissor</i> : Alunos do 9º ano	3. <i>O papel social do receptor</i> : comunidade escolar - leitores de um jornal escolar (comunidade interessada em prestigiar as produções dos alunos)
4. <i>Receptor</i> : Alunos, professores, comunidade escolar e acadêmica.	4. <i>O objetivo da interação</i> : convencer o leitor (comunidade escolar) sobre determinado posicionamento, a partir de um texto consistente e bem argumentado.
5. <i>Questões polêmicas</i> : 1) As redes sociais são perigosas? 2) Há limites na busca da perfeição estética?	

No intuito de analisar e interpretar como se deu o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, trazemos as versões do artigo de opinião produzido pela Aluna A. O texto foi desenvolvido a partir da primeira questão polêmica “As redes

sociais são perigosas?”. A escolha desse sujeito de pesquisa decorreu devido ao seu crescente interesse pelo gênero durante as intervenções didáticas, bem como sua dedicação durante o projeto de produção do texto. Para manter a originalidade do texto, transcrevemos as três versões dos artigos produzidos pela aluna.

Tabela 3. Versões das produções analisadas

Primeira produção	Produção Intermediária	Produção final
<p><i>As redes sociais, abrangem varios tipos de pessoas, gêneros e classe social. Isso pode ser um problema, as pessoas hoje em dia não sabem mexer de forma correta.</i></p> <p><i>Os problemas não são só com meninas adolescentes se espendo de homens mais velhos que são pedófilos, os problemas são com crianças que com tão pouca idade já estão conectadas a internet fazendo coisas que muitas vees os pais não sabem. Algumas dessas crianças não se dão bem nos estudos e nem com a famílias; vivem jogando jogos de RPG entrando em site pornográficos e outros.</i></p> <p><i>Acho que a internet tem que ser usada de maneira adequada e colocada na frente de pessoas que realmente saibam usar.</i></p> <p><i>Só que o problema não é só esse e nem só com crianças e adolescentes, o problema é com homens mais velhos se passando por jovens de 16 a 20 anos enganando meninas inocentes ou nem tão inocentes assim, fazendo elas se exporem de maneira ridícula.</i></p> <p><i>Portanto é por esses e outros fatores que tem no mundo das redes sociais, que a internet tem que ser usada de maneira adequada e colocada na frente de pessoas que realmente saibam usar. Porque nem todo mundo tem essa consciencia.</i></p>	<p><i>A rede social</i></p> <p><i>As redes sociais abrangem vários tipos de pessoas, gêneros e classe social. Isso pode ser um problema, as pessoas hoje em dia não sabem usa-la de forma correta.</i></p> <p><i>Entre os problemas que as redes sociais oferecem, um deles é a exposição de meninas adolescentes publicando fotos intimas em seu perfil de facebook ou outras redes sócias. Os problemas que isso oferece não é só pessoas visualizando essas fotos mas homens que se passam por jovens para se aproveitar dessas meninas.</i></p> <p><i>Em segundo lugar outro problema que ocorre constantemente nas redes sociais são polêmicas desnecessarias e muitas vezes com informações errôneas sobre assuntos bobos, com isso muitas vezes as pessoas começam uma discussão não necessária.</i></p> <p><i>Mas por outro lado as redes sociais, são boas sim e tem muito a oferecer.</i></p> <p><i>E com todo esse avanço tecnológico fica difícil não saber das coisas que acontecem no mundo todo.</i></p> <p><i>Por fim tudo oque se faz nas redes sociais tem que ter cautela, porque este mundo da internet tem muito a oferecer, tanto coisas boas quanto ruins.</i></p>	<p><i>Os paralelos das redes sociais</i></p> <p><i>As redes sócias abrangem varios tipos de pessoas, gêneros e classe social. Isso pode ser um problema porque muitas pessoas na minha opinião não sabem usá-la de forma adequada.</i></p> <p><i>Hoje em dia o mundo não está mais seguro como antigamente, pois sua vida está totalmente exposta na internet, pois para mim a internet é só um meio de facilitar problemas se não for usada de maneira correta.</i></p> <p><i>Entre todos os problemas que as redes sociais oferecem, um dele é a exposição de meninas adolescentes publicando fotos intimas em seu perfil do facebook ou em outras redes sociais. Os problemas que podem ocasionar não são só pessoas visualizando essas fotos mas também homens que se passam por jovens para se aproveitar dessas meninas.</i></p> <p><i>Em segundo lugar outro problema que ocorre constantemente nas redes sociais é a criação de polêmicas desnecessarias e muitas vezes causadas por informações errôneas. Com isso muitas vezes as pessoas começam discussões desnecessarias.</i></p> <p><i>Mas por outro lado as redes sociais são boas sim e têm muito a oferecer, como divulgação de empresas, empregos, campanhas solidárias, etc. No entanto, muitas vezes essas empresas são “fantasmas”, as ofertas de empregos podem ser armação e as campanhas de solidariedade pode não ser para um beneficio social.</i></p> <p><i>Por fim, tudo o que fazemos nas redes sócias é preciso que seja com cautela, porque este</i></p>

		<i>mundo da internet tem muito a oferecer, tanto coisas boas quanto ruins.</i>
--	--	--

Essas foram as três produções geradas pelas Aluna A. A partir dessas produções, realizamos uma análise, tendo como categoria principal as capacidades de linguagens. Para tanto, sistematizamos, primeiramente, um quadro-síntese para melhor visualização do percurso analítico.

Tabela 4. Análise da aprendizagem: foco nas capacidades de linguagem

Primeira produção	Produção intermediária	Produção final
<i>Capacidades de Ação</i>		
<p>Apresentadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Delineia uma questão polêmica que permanece implícita no texto e deixa seu posicionamento (tese) explícito em relação à ela. -Contextualiza sua produção pensando em um leitor. <p>Ausentes/deficientes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Domínio do contexto de produção. - Adequação ao contexto de produção (suporte, esfera de circulação, etc.) - Adequação aos múltiplos destinatários (a aluna não produz seu texto levando em consideração o suporte, o jornal escolar, pois apresenta uma linguagem coloquial e mais jovem, sendo assim não analisa que outros tipos de leitores possam ler o artigo.) -Argumentação consistente para convencer o leitor. -Texto inconsistente, que ainda não convence seu interlocutor. -Não considera outros posicionamentos. 	<p>Revistas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O texto da aluna não sofreu mudanças. Mantiveram-se as capacidades já mobilizadas na Primeira Produção. 	<p>Revistas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adequação ao contexto. - Interação maior com o leitor. - A linguagem do texto contempla diferentes tipos de interlocutores. - Texto adequado ao suporte. - Expressa opinião e busca convencer o leitor com uma argumentação mais consistente. - Melhora a construção dos argumentos que já eram apresentados antes. - Retira o tom de “achismo” do texto.
<i>Capacidades Linguístico-discursivas</i>		
<p>Apresentadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Textualiza seu artigo a partir do plano textual global do gênero. - Argumentos de achismo, de causa e consequência (senso comum). - Argumentos com dados de achismo, sem consistência. - Estruturação textual da sequência argumentativa. <p>Ausentes/deficientes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Hierarquia na argumentação. - Tomadas de posição sobre o tema. - Contra argumentação. - Outras vozes. - O posicionamento (argumento) do outro 	<p>Revistas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A aluna acrescenta um título a sua produção. (Título pouco atrativo e óbvio em relação ao seu posicionamento) - A aluna retira um dos parágrafos que não estava coerente com o desenvolvimento textual do artigo. 	<p>Revistas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Melhora no plano textual global do artigo de opinião e na sequência argumentativa. - Novos argumentos do senso comum, porém mais consistentes. - Presença de uma ideia contrária a da autora. - Melhora no título: mais atrativo para o leitor e que resume bem a temática desenvolvida no artigo. - Presença de um contra-argumento.

(leitor).		
<i>Capacidades discursivas</i>		
<p>Apresentadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O texto apresenta o uso de apenas um conectivo de conclusão: “portanto”. -O texto apresenta o uso de um organizador textual de tomada de posição “acho que”. - Ligação temática/textual entre os parágrafos <p>Ausentes/deficientes</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressões ou organizadores lógicos, para dar coesão texto. - Linguagem formal (levando em consideração o contexto do texto e o gênero.) - Desvios em relação a norma culta da língua: pontuação, ortografia, acentuação. - Retomadas textuais. 	<p>Revistas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uso do organizador lógico, “porém”, que irá problematizar a questão polêmica que ela traz no texto e também delinear a tese da autora. 	<p>Revistas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Parágrafos mais bem organizados. - Uso de organizadores textuais que indicam tomada de posição. -Hierarquia na construção dos argumentos. -Uso de conectivos lógicos que dão coesão ao texto. -Correção na ortografia, pontuação.

Em relação à capacidade de ação, percebemos que na primeira produção a aluna mobiliza algumas capacidades, principalmente no que diz respeito à formação textual do gênero “artigo de opinião” e seu objetivo, convencer o leitor. Essas capacidades mobilizadas pela aluna foi trabalhada na 1ª oficina, especificamente nas atividades 6 e 7, assim sendo, a aluna teve contato com esse objeto do gênero, o que permitiu que essas características fossem mobilizadas na primeira produção. Contudo, essas capacidades ainda se apresentam de forma deficiente, pois a aluna não consegue escrever um artigo de opinião na produção inicial de forma eficiente, adequado ao contexto de produção e que atinja o objetivo de convencer o leitor, ou seja, não consegue representar o contexto em que deve produzir seu texto.

Outro objeto referente à capacidade de ação, e mobilizado foi a questão polêmica, objeto trabalhado na oficina 2, especialmente nas atividades 1 e 2. Além desse objeto, a oficina 2 também trabalhou com o contexto de produção do gênero por meio das atividades 3 e 4, nas quais foi apresentado um artigo “modelo” (publicado no Jornal PIBID de 2014), que possui o mesmo contexto físico de publicação do artigo, bem como características do contexto social. Contudo, a aluna não apreendeu essas capacidades, não conseguiu produzir um artigo adequado ao suporte, ao público-alvo e ao meio de circulação.

Na produção intermediária, apesar da correção do professor e de uma revisão sobre o gênero e todas as oficinas vistas até então, a aluna não apresentou novas capacidades e também não obteve melhoras nas já apresentadas. A produção intermediária foi, na verdade, uma cópia da primeira produção.

Na produção final notamos diferentes mudanças no texto da aluna. Várias das capacidades que ela já apresentava foram melhoradas, como a organização textual global, o

objetivo de convencer seu leitor, etc. Além dessas, outras capacidades foram mobilizadas, como a adequação ao contexto (texto mais formal, melhor organizado, dialogando com diferentes interlocutores). O texto que se adequa ao suporte, o jornal escolar, bem como se apresenta mais consistente, defendendo uma tese, argumentando, apresentando ideias contrárias, etc. Dentre as oficinas trabalhadas antes da produção final, uma das que contribuiu diretamente para a mobilização dessas novas capacidades foi a oficina 9. Nela foram desenvolvidas atividades de análise oral e escrita de um artigo de opinião de defesa de tese e um ensaio argumentativo. O objetivo foi esclarecer as diferenças entre os gêneros, bem como mostrar como deveria ser o texto. Essa análise foi orientada por um roteiro, com questões referentes aos objetos de um artigo de opinião e um ensaio opinativo.

Referente às capacidades discursivas, na primeira produção as quatro capacidades apresentadas pela aluna dizem respeito à formação discursiva do texto, ou seja, percebe-se que a aluna conhece o gênero, sabe como ele se estrutura sua formação textual, mas ainda o faz de forma insuficiente, pois o texto não apresenta argumentos consistentes, não traz título, há parágrafos descontextualizado com o texto, etc. Contudo, vale destacar que essas capacidades apresentadas, mesmo de forma insuficiente, foram trabalhadas antes da primeira produção, nas oficinas 1 (atividades 7 e 8) e 2 (atividade 4).

Na produção intermediária, o texto já apresenta algumas progressões, a mais notável delas é o título. Apesar de essas categoria não ter tido uma oficina específica, ele foi abordado e destacado nos momentos de análise do artigo e também na correção feita no texto da aluna pelos professores. Isso contribuiu para que a aluna o acrescentasse na produção e compreendesse, assim, a sua importância e função no artigo de opinião. Outra mudança foi a reestruturação no plano textual global do artigo. A aluna exclui o parágrafo “acho que a internet tem que ser usada de maneira adequada e colocada na frente de pessoas que realmente saibam usar”, que estava sendo apresentado em uma sequência inapropriada na organização textual do artigo, ou seja, não estava coerente com o desenvolvimento do texto. Uma oficina que contribuiu para isso foi a 4ª, especificamente a partir da atividade 4, quando os alunos precisam organizar textualmente um artigo de opinião. Ou seja, os parágrafos deveriam fazer sentido com o restante do texto, o que não acontecia na sua primeira versão do texto. Além disso, a correção do professor orientou a reescrita do artigo, logo, a aluna retirou o parágrafo, ao invés de reorganizá-lo.

Na produção final, a capacidade discursiva apresenta um notório avanço. O plano textual do artigo fica mais bem organizado, a aluna consegue produzir um texto que

faça sentido e com parágrafos coerentes. Os argumentos mantêm-se do senso comum, contudo são reescritos e apresentados de maneira mais consistente. Isso acontece porque, na 8ª oficina, o foco foram os argumentos no artigo de opinião, logo ela consegue mobilizar capacidades para melhorar esse objeto. Uma nova característica apreendida pela aluna é a refutação. O artigo apresenta um contra-argumento, o que traz mais credibilidade ao texto. Uma das oficinas que contribuíram para esse avanço foi a 10ª. Nela foi desenvolvido um debate regrado, o que permitiu, de forma contextualizada, que a aluna compreendesse que há sempre a opinião do outro, e que ela nem sempre é compatível com a sua, ou seja, é preciso saber contra argumentá-la para deixar o seu ponto de vista mais consistente. Outra readequação aconteceu no título que, a princípio, não era muito atrativo. Já na última produção o título se mostra mais criativo e característico do gênero.

[WASC10] Comentário: contextualiza da

No que diz respeito à capacidade linguístico-discursiva, na primeira produção a aluna mobiliza capacidades relacionadas a aspectos coesivos do texto, como o uso de organizadores e a relação entre os parágrafos. Essas capacidades mobilizadas pela aluna não foram abordadas em uma oficina específica antes da primeira produção. Contudo, nas diversas análises e leituras de artigos de opinião esses objetos foram ressaltados e trazidos para discussão. Vale ressaltar que o único conectivo lógico apresentado pela aluna é “portanto”, que indica conclusão de ideias. No restante do texto a aluna não lançou mão de outros conectivos lógicos, ou seja, a aluna não mobilizou capacidades referentes a outros organizadores do artigo de opinião. O texto também apresenta diferentes problemas transversais da escrita, como pontuação, acentuação, ortografia e concordância. Contudo, nenhuma oficina focou nesses aspectos.

Na produção intermediária há poucas mudanças. Os problemas transversais apresentados se mantêm, mesmo após a correção do professor e a oficina 6, que focou nas questões linguísticas do gênero. Ou seja, não há mudanças. Uma das capacidades aprimoradas pela aluna foi o uso de outro organizador textual, o “porém”. Os organizadores de conteúdo da oficina 5, logo a aluna conseguiu mobilizá-los. Contudo, os demais organizadores trabalhados não foram utilizados na produção.

Na produção final, o texto passa por um grande avanço. A aluna se aprimora das capacidades referentes ao uso dos organizadores textuais. Ela apresenta organizadores que indicam toma de posição “na minha opinião”, “para mim”; organizadores textuais para acrescentar argumentos e organizar o texto “em segundo lugar”; uso do conectivo “mas”, para inserir a ideia contrária a que ela defende. Os problemas transversais da escrita também foram

aprimorados. Foram corrigidos problemas da ortografia, como nas palavras “desnecessário” e “adolescente” que foram escritas incorretamente nas duas primeiras produções. Vale ressaltar que essas mobilizações tiveram como ferramenta impulsionadora a ficha de controle, a qual orientou a escrita do texto. Assim, nota-se que as mudanças no texto da aluna são mais significativas na última produção. Contudo, a produção intermediária permite que a aluna reflita sobre o texto e repense sua produção.

5 Considerações finais

O presente artigo objetivou mostrar os resultados de uma SDG artigo de opinião, elaborada no subprojeto PIBID, focando na mobilização e desenvolvimento das capacidades de linguagem que envolvem a aprendizagem e domínio desse gênero, buscando verificar até que ponto o uso da metodologia da SDG permite aos alunos tornarem-se agentes-produtores de um gênero de texto.

A análise realizada nas três produções da aluna nos mostrou, que a metodologia da SDG permitiu um avanço na produção escrita e na mobilização das capacidades de linguagem que estão envolvidas na apropriação desse objeto da língua, o gênero “artigo de opinião”.

Para professores de Língua Portuguesa esse trabalho mostra que o ensino da língua a partir da metodologia da SDG permite aos alunos um contato real com as práticas de linguagem disponibilizadas na interação humana, a fim de que eles se tornem sujeitos ativos e dominantes desses objetos, que são os gêneros textuais. Verificamos que a SDG possibilita isso, pois, no seu desenvolvimento, ela contempla os diferentes níveis de ensino (escrita, oralidade e análise linguística), sem fragmentar a língua e torná-la um instrumento meramente gramatical.

Dessa forma, esperamos que essa pesquisa ofereça contribuições relevantes para a área da Linguística Aplicada, mais especificamente para a formação inicial e continuada de professores de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. **Raído**, Dourados,MS, v. 6, n. 11, p 11 - 35, jan./jun. 2012.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de Barros. A capacidade de ação discursiva: representações do contexto de produção em situação de ensino-aprendizagem da escrita. **Trabalho em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 54.1, p. 109-136, jan./jun. 2015.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Educ: São Paulo, 2003.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 35-60.

DOLZ, Joaquim. Claves para ensinar a escribir. Disponível em <http://leer.es/documents/235507/242734/art_prof_ep_eso_clavesparaensenaescribir_joquimdolz.pdf/36f29ff9-193b-4d9b-b0b3-c8cf7c7bbc93>. Genebra, 2009. Acesso em: 02 jun. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane. A apropriação de gêneros textuais pelo professor: em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do “métier”. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 619-633, set./dez. 2010.

MENEGASSI, Renilson J. A revisão de textos na formação docente inicial. In: GONÇALVES, Adair V.; BAZARIM, Milene (Org.). **Interação, gêneros e letramento**: a (re)escrita em foco. Campinas: Pontes, 2013.